

**SOCIOLOGIZANDO  
A ARTE DA VIDA  
DE BAUMAN (BAUMAN,  
ZYGUNT. A ARTE DA  
VIDA. RIO DE JANEIRO:  
JORGE ZAHAR ED., 2009)**

**Cristiano Wellington  
Noberto Ramalho\*  
Emílio de Britto Negreiros\*\***

**Resenha**

Hoje novos temas e outras formas de olhar e pensar antigas questões brotaram (e brotam) do chão da crise das Ciências Sociais, como se jorrasse de seu substrato vitalidades repletas de fertilização que tocam nossos pensamentos, ora nos provocando, ora nos assustando.

Se a nau que nos guiava com segurança e sedução com promessas de conquista da realidade (presente e futura) – desde meados do século XIX – passou a ser sacudida por um desconhecido fluxo de ventos e de marés que atingiu, em cheio, a proa da nossa embarcação, levando-nos, assim, “a mares nunca dantes navegados”, tornou-se necessário, para não soçobramos,

nutrirmo-nos de outras habilidades, de nos reinventarmos com outras velas, outros mastros, outras quilhas, novas estratégias náuticas. Mapas antigos não nos dão mais pistas precisas, como antes (se é que nos deram um dia!!!). O mesmo saber-fazer de outrora também não. Além disso, outras velas precisam ser tecidas e enfunadas, porque são tipos específicos de ventos que existem nesses mares. É fundamental re-fazermos a quilha de nossa nau, reparar o madeiramento em pleno mar bravio da nossa história. É essencial casarmos habilidades ancestrais com as mais recentes, em pleno ato de fazer-nos – a nós e a nossa nau – constantemente. Afinal de contas, somos um só nessa travessia.

\* Pesquisador visitante da Fundaj, na qualidade de bolsista DCR – Facepe/CNPq, e doutor em Ciências Sociais pela Unicamp. E-mail: cristianownramalho@gmail.com

\*\* Doutor em Sociologia pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). E-mail: ebnegreiros@gmail.com

Mas que mar desafiador é esse que nos levou a questionar e implodiu nossa *Razão Indolente?* (Santos, 2000) Por que ele nos retirou nossa segurança de análise em seus problemas e respostas? Para uns, esse mar dantes nunca navegado pode ser chamado de Oceano Pós-Moderno (Lyotard, 2002) para outros, Mar da Segunda Modernidade (Beck, 1999; Giddens, 1991) ou da Modernidade Tardia (Habermans, 1990); já na visão de alguns, Oceano do Capitalismo Tardio (Jameson, 2002).

De qualquer modo, independentemente das aludidas definições, vivemos uma fase social e epistemológica diversa da anterior. Não que isso represente uma plena ruptura com o passado (ele sempre estará em nós individual e cientificamente). Acima de tudo, precisamos ser inventivos diante das atuais conjunturas e estruturas sócio-históricas. Em suas épocas, os fundadores das Ciências Sociais (Durkheim, Marx, Simmel e Weber) assim não o foram?! Sem dúvida, eles não tiveram medo de enfunar novas velas e foram extraordinários argonautas das águas da história em que viveram. Foram, de fato, inventivos na elaboração de conceitos nas Ciências Sociais, dando-lhes capacidades de diálogos com seu tempo, que reverberaram para além de suas próprias existências humanas. Pode-se dizer que esse é um dos seus mais estimulantes legados, a saber, a vigorosa inventividade científica, que, no decorrer das décadas, esquecemos de praticar.

Seguindo a trilha dos marcos da inventividade sociológica, embora não se nutrindo das mesmas necessidades científicas, é que podemos situar os trabalhos de Zygmunt Bauman, fato que se verifica também em seu mais recente livro traduzido para o português *A Arte da Vida*.

E o que consiste a arte da vida, para Bauman?

Por si só, essa questão é instigante, e ele a faz ser ao longo de todo livro. Bauman, todavia, não oferta caminhos fechados para suas respostas (ele as tem?) ou tampouco recortes cristalizados para o tema. Sua es-

crita ensaística, que mergulha em pensadores clássicos e contemporâneos, que vai ao passado sem desconectá-lo do tempo presente, que entrecruzam rigor científico e informalidades de análise, moldam os três capítulos do livro por meio de uma linguagem sedutora e provocante.

Os temas introduzidos pela sociologia de Bauman na *Arte da Vida* nos remetem a um encontro teórico com aquilo que ele denomina como uma fase pós-moderna do mundo contemporâneo. Bauman nos convida a uma leitura interessante sobre a felicidade e a arte da vida, duas categorias centrais do seu debate sobre a condição humana diante dos desafios criados pelo que o próprio autor chama de modernidade-líquida.

Ele busca recuperar certo itinerário iluminista sem se deixar sucumbir pelo mesmo, cujo papel de questionar seus roteiros fixos é a marca da análise. O tema da felicidade é assim recuperado e transformado pela sutileza da argumentação baumaniana, a qual vem acompanhada por sua crítica voraz ao projeto moderno de uma liberdade asfixiada a partir de desejos exógenos, de mercado, da competição empresarial, da razão instrumental, que se somam mais recentemente à "falta de alternativas" políticas.

Ele foi contundente ao afirmar:

*Podemos dizer que o mundo moderno gerado pelo "projeto moderno" se comporta, na prática e na teoria, como se os homens tivessem de ser coagidos a buscar a felicidade (pelo menos a felicidade vislumbrada por seus consultores autônimos e conselheiros contratados, assim como pelos redatores de publicidade). Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, os seres humanos tendem a ser treinados, preparados, exortados, persuadidos e tentados a abandonar as maneiras que consideravam corretas e adequadas, dar as costas àquilo que prezavam e que imaginavam que os fazia felizes, e tornar-se diferentes do que são. Vêem-se pressionados a se transformar em trabalhadores prontos a sacrificar o resto de suas vidas pela empresa competitiva ou pela competição empre-*

Sociologizando a arte da vida de Bauman (Bauman, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009)

Cristiano Wellington  
Noberto Ramalho  
Emílio de Britto  
Negreiros

sarial; em consumidores movidos por desejos e vontades infinitamente expansíveis; em cidadãos que abraçam total e irrestritamente a versão “não há alternativa” da “correção política” do momento, que os incita, entre outras coisas, a serem fechados e cegos à generosidade desinteressada e indiferentes ao bem comum se esta não puder ser utilizado para reforçar seus egos... (BAUMAN, 2009, p. 68).

Reféns dessa lógica, os indivíduos inseuridos e seduzidos pela sociedade do consumo e desinteressados do bem comum hipotecam seu projeto de felicidade às dinâmicas e discursos sobre o PIB, das marcas, das lojas, dos produtos, do consumo e de sua eterna transitoriedade presente no aqui e no agora, que se desfaz constantemente.

Nesse mundo, o prazer pelo trabalho bem feito, o valor da reflexão, da destreza e da habilidade, são estilhaçados pelo efêmero, o descartável. Hoje tudo precisa estar ao alcance da prateleira e da lei do menor esforço físico e intelectual. “Nenhum esforço é preciso, eles pensam e fazem por nós”. Essa é nova máxima da modernidade-líquida. Com isso, há um empobrecimento de nossas vidas e da capacidade de sermos artífices de nossa existência, de vivermos a vida como uma obra de arte, visto que esses atributos de artífices foram ‘terceirizados’ numa engenhoca que exige apenas sacar um cartão de crédito e apertar um botão (BAUMAN, 2009, p. 14), onde tudo estará ao nosso alcance, desde que tenhamos condições para acessar essas “maravilhas” de facilidade no mercado. Caso não, nossa felicidade estará condenada, bloqueada. Ademais, para os que têm recursos, ela deve ser renovada na mesma sintonia que os estoques das prateleiras das lojas são, isto é, sempre de maneira fluida, não sólida.

Para enfrentar tal dilema, o autor nos propõe um olhar sobre a responsabilidade do ser humano diante da sua própria existência e, conseqüentemente, sobre como nós conduzimos ou pensamos nos conduzir para o que entendemos como felicidade. A arte da vida é uma chave importante para isso, para reali-

zarmos nosso bom embate na defesa de nossas genuínas escolhas e liberdades.

Para ele, há uma intrínseca relação entre a busca de felicidade, a consciência sobre as responsabilidades sociais e os projetos de vida; todas essas dimensões estão ou deveriam estar relacionadas com o aumento do bem-estar subjetivo, em contraposição à busca da felicidade orientada pela ótica do mercado, esta, por sua vez associada a um declínio do bem-estar subjetivo. De uma forma geral, enquanto o mercado orienta sua busca pela felicidade induzindo-a pelo consumo sempre sem limites, a arte da vida propõe uma outra dimensão da busca da felicidade. Isso está envolvido, sobretudo, com uma tentativa, em meio a tantas incertezas inevitáveis, de desmonetização das relações sociais existenciais, da liberação dos aspectos repressores dessas relações, da expurgação do sentimento de culpa e de infelicidade.

Neste sentido, para Bauman:

*Praticar a arte da vida, fazer de sua existência uma “obra de arte”, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação, auto-redefinir-se perpetuamente tomando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquele que se tem sido até então. “Tornar-se outra pessoa” significa, contudo, deixar de ser quem se foi até agora, romper e remover a forma que se tinha, tal como uma cobra se livra de sua pele ou uma ostra de sua concha; rejeitar, uma a uma, as personas usadas – que o fluxo constante de “novas e melhores” oportunidades disponíveis revela serem gastas, demasiado estreitas ou apenas não tão satisfatórias quanto foram no passado. Para apresentar em público um novo eu e admirá-lo no espelho e nos olhos dos outros, é preciso tirar o velho eu das vistas, nossas e de outras pessoas, e possivelmente também da memória, nossa e delas. Ocupados com a “autodefinição” e a “auto-afirmação”, nos praticamos a destruição criativa. Diariamente (BAUMAN, 2009, p. 99-100, grifos do autor).*

Há uma tensão que perpassa todo o texto que pode revelar, para uns, uma ambivalência e contraditoriedade e, para outros,

Sociologizando a arte da vida de Bauman (Bauman, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009)

Cristiano Wellington  
 Noberto Ramalho  
 Emílio de Britto  
 Negreiros

estaria aí contida a própria riqueza do livro, pela ausência de um argumento mais fechado. Um exemplo típico disso é quando Bauman nos leva a observar a forte presença do fenômeno do consumo em nossa modernidade-líquida, que busca reduzir nossas possibilidades de escolhas e põe em cheque nosso projeto de liberdade. Por outro lado, Bauman também identifica esse momento histórico como o lugar para a realização alternativa de um projeto individual e coletivo de felicidade, na medida em que cada um assuma as responsabilidades pelas suas escolhas, vontades e desejos, no sentido de orientar suas vidas no rumo de um relativo equilíbrio psíquico e social, num vasto universo de incertezas. Bauman nos diz que:

*A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade “genuína, adequada e total” sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele (BAUMAN, 2009, pp. 31-32).*

Neste sentido, a arte da vida, que propõe Bauman, é uma espécie de política de vida colocada em prática por nós mesmos, cuja complexidade não pode se confundir com as fáceis receitas contidas nos livros de autoajuda, cheios de mapas simplistas e negadores de nossas autodeterminações e que nos caminham para os mercados padronizadores da subjetividade.

Por isso, nossos desafios são grandes, ou seja, o de recuperar nossa força ao mesmo instante em que refazemos nossa nau em plena tormenta, em pleno mar de incertezas. Nessas águas, a nossa única certeza é a de que é necessário “ir fazendo”, porque precisamos ser ainda mais inventivos e, assim, cada vez mais artífices de nossas existências e de nossa nau.

A arte da vida pode ser o nosso caminho, nossa forma de nos fazermos constantemente por meio de um trabalho dedicado que faça a vida valer a pena. Como ressaltou o próprio Zygmunt Bauman:

*Os antigos provavelmente suspeitavam disso, porém, guiados dum spiro, spero (enquanto respiro, tenho esperança), sugeriam que, sem trabalho duro, a vida não oferecia nada que a tornasse valiosa. Dois milênios depois, a sugestão não parece ter perdido a atualidade (BAUMAN, 2009 p.173).*

Sociologizando a arte da vida de Bauman (Bauman, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009)

Cristiano Wellington  
 Noberto Ramalho  
 Emílio de Britto  
 Negreiros

## Referências Bibliográficas

BECK, Ulrich. *O que é globalização: equívocos do globalismo – respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo – a lógica*

*cultural do capitalismo tardio*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1986.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.